NOS 100 ANOS DO NASCIMENTO (1988)

Antinous, poema inglês do jovem Fernando Pessoa, é duplamente obsceno por ser erótico e por ser necrófilo. Nele, o poeta liberta-se de uma obsessão nefanda e chega a confessar que o escreve

Para acabar de vez com a obscenidade

Manuel João Gomes

A Bitínia ficava (ainda fica?) no Noroeste da Turquia actual, nas costas do mar Negro. Foi conquistada pelos romanos no século I. O mais famoso bitínio de todos os tempos chamava-se Antínoo, filho de pastores escravos e, a partir dos quinze anos, amante do imperador Adriano (76-138 D. C.)

A paixão entre o grande imperador-poeta e o pequeno bitínio está na origem de toda uma vasta literatura que passa por Orígenes, Celso e outros escritores coevos, e culmina, na literatura contemporânea, em algumas das melhores páginas de Marguerite Yourcenar (**Memórias de Adriano**) e no poema **Antinous,** de Pessoa, em inglês (traduzido em 1974 por Jorge de Sena, que o fez acompanhar de um longo prefácio muito inspirado no texto de Yourcenar, prefácio que não pode deixar de inspirar este texto que o leitor teve a amabilidade de começar a ler).

Cabeça de uma das muitas estátuas de Antinoo

O Antínoo de Pessoa

O poema **Antinous** de Pessoa foi escrito em 1915 (tinha Pessoa 27 anos) e foi publicado em 1918. Em inglês e em Lisboa. O autor considera-o «muito indecente» e «impublicável na Inglaterra». Em 1918, pelos vistos, podia publicar-se em Portugal um poema obsceno e impublicável na Inglaterra: havia pouca gente que entendesse inglês suficiente para ver que o poema era obsceno... Mas, em 1918, em carta que manda a Gaspar Simões, a acompanhar a oferta do **Antinous,** Pessoa explica melhor as razões da publicação deste poema impublicável:

JORNAL DE LETRAS
14/06/1988

São muitas as caricaturas do poeta, mas poucos os textos satíricos, ou simplesmente bem humorados, a seu respeito. Aqui se fala de uma dessas «raridades»

Contra as 'viúvas' de Pessoa

Joaquim-Francisco Coelho

Objecto — já em vida mas sobretudo depois de morto — de várias e sugestivas caricaturas de artistas plásticos, a rigor não tem sido Fernando Pessoa, por singularidade, parodiado ou satirizado pelos profissionais da palavra escrita. Salvo erro, foi-o excepcionalmente apenas duas vezes, em textos e circunstâncias que com minúcia estudamos algures, e que aqui, por isso mesmo, só carece recordar em suas linhas essenciais, para efeitos de contexto (1). O primeiro caso deu-se na Lisboa de 1925, quando, sob o jocoso apelativo de **cacholetas,** e redigidas pseudonimamente por Mateus da Prata & Julião Farnel, circularam em cafés e livrarias as seguintes quintilhas, impressas num folheto por nome **Cadastro:**

O Fernandinho é Pessoa
Com tantos nomes dispersos,
Que não se encontra em Lisboa
Arrebanhados à tôa
Apelidos tão diversos!

Isto nele é natural
Como a destreza num potro.
Se a obra encarreira mal,
Pensa a gente: É natural!
Se não é dele... é do outro!

JORNAL DE LETRAS
14/06/1988